

Envelhecimento da população imigrante: o caso português

Isabel Tiago de Oliveira* e João Peixoto**

Resumo O objetivo deste texto é analisar os principais aspetos do envelhecimento dos imigrantes em Portugal nas últimas décadas, com recurso a uma perspetiva demográfica. Para tal, é avaliada a evolução da estrutura etária dos imigrantes, procurando detetar os ritmos e níveis de envelhecimento ao longo do tempo e a sua variação de acordo com a proveniência geográfica. Do ponto de vista metodológico, são utilizados em paralelo os critérios do "país de nascimento" e do "país de nacionalidade". Os dados confirmam a maior juventude dos imigrantes, bem como um maior ritmo de envelhecimento do que o da população autóctone - embora se trate de envelhecimento na base da pirâmide etária e da população em idade ativa, e não de envelhecimento no topo (aumento de idosos). O caráter recente da imigração para Portugal explica porque, na maioria dos casos, ainda há poucos imigrantes idosos. Para além disto, qualquer que seja o critério utilizado, é muito clara a heterogeneidade interna dos imigrantes, associada à sua origem geográfica. Mais do que falar em envelhecimento em geral, ou do que analisar globalmente o seu perfil etário, interessa discriminar os diferentes grupos existentes nesta população.

Palavras-chave Imigrantes, envelhecimento, Portugal.

Abstract The aim of this paper is to analyze the main aspects of ageing of immigrants in Portugal in recent decades, using a demographic perspective. To this end, we examine the evolution of the age structure of immigrants, trying to detect rhythms and levels of ageing over time and its variation according to geographical origin. From the methodological point of view, the criteria of "country of birth" and "country of citizenship" are used in parallel. The data confirms the greater youth of immigrants and a higher rate of ageing compared to the native population - though it is mostly ageing at the base of the pyramid and at the working age population, not ageing at the top (an increase of the elderly). The recent nature

* Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL, Lisboa, Portugal.

** SOCIUS, Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.

of immigration to Portugal explains why, in most cases, there are few elderly immigrants. In addition, whatever the criterion used, the internal heterogeneity of immigrants, according to their geographical origin, is clear. Rather than talking about immigrants' ageing in general or analyzing their overall age profile, the need is to discriminate the different groups within this population.

Keywords Immigrants, ageing, Portugal.

■ Envelhecimento da população imigrante: o caso português

Isabel Tiago de Oliveira e João Peixoto

1. Introdução

O tema do envelhecimento tem sido objeto de estudo crescente em todas as sociedades desenvolvidas, em particular as europeias, dada a natureza estrutural desta mudança demográfica e os inúmeros impactos que lhe estão associados, sejam de ordem económica, social ou cultural. O envelhecimento dos imigrantes que estas sociedades têm acolhido tem sido menos aprofundado, dado o carácter relativamente recente da imigração em muitos países de acolhimento e a juventude demográfica dos imigrantes, pelo menos quando se tomam por comparação as populações autóctones. Este défice de conhecimento tem sido, porém, progressivamente colmatado. Em vários contextos internacionais e, em particular, no caso português, o estudo do envelhecimento da população imigrante, bem como o dos imigrantes idosos, tem sido alvo de maior atenção nos últimos anos (ver AAVV, 2006 e, para Portugal, Machado e Roldão, 2010; Marques e Ciobanu, 2012).

O principal objetivo deste texto é analisar os principais aspetos do envelhecimento dos imigrantes em Portugal nas últimas décadas, com recurso a uma perspetiva demográfica. Para tal, será avaliada a evolução da estrutura etária dos imigrantes, procurando detetar os ritmos e níveis de envelhecimento ao longo do tempo e a sua variação de acordo com a proveniência geográfica. Uma questão de natureza metodológica recorrentemente abordada nos estudos sobre migrações será também objeto de aprofundamento. A utilização dos critérios do “país de nascimento” ou do “país de nacionalidade” possui efeitos distintos sobre a caracterização da imigração e essa diferença é relevante no estudo do envelhecimento. Os dois critérios serão utilizados neste texto: por “imigrantes” poderão ser, assim, entendidas tanto as populações nascidas no estrangeiro que têm entrado no país ao longo do tempo (independentemente da nacionalidade), como os cidadãos de nacionalidade estrangeira (independentemente do país de nascimento).

Na próxima secção será efetuado um breve enquadramento a este problema: serão equacionados os fatores que agem sobre os níveis de envelhecimento diferencial dos imigrantes, incluindo os que resultam das diferentes vagas de imigração ao longo do tempo e dos comportamentos demográficos dos imigrantes em Portugal; e esclarecidas as principais opções metodológicas adotadas neste texto. Na secção seguinte será examinada a evolução da estrutura etária dos imigrantes ao longo das últimas décadas, recorrendo, sempre que possível, aos dois critérios acima mencionados e aplicando alguns dos principais indicadores da análise demográfica. Na última secção serão apresentados alguns pontos conclusivos.

2. Enquadramento e metodologia

2.1. Imigração e envelhecimento dos imigrantes em Portugal

Em teoria, o envelhecimento diferencial dos imigrantes, quando comparado com os padrões registados nas sociedades de acolhimento, está condicionado por vários fatores. Entre estes contam-se a sucessão de vagas migratórias e as características demográficas dos imigrantes em cada momento; os seus comportamentos demográficos no país de destino, incluindo os seus níveis de fecundidade e de mortalidade; e a maior ou menor existência de reemigração ou retorno ao país de origem.

Considerando o primeiro destes aspetos, um dos pontos melhor estabelecidos na teoria é o caráter seletivo das migrações sob o ponto de vista da idade, o que explica a predominância de adultos jovens na fase inicial do ciclo migratório (Thomas, 1938). Os fluxos de trabalho são os mais sensíveis a este tipo de explicação: é o facto de os projetos migratórios envolverem algum risco, de estarem muitas vezes ligados a estratégias de média ou longa duração e de os rendimentos esperados se distribuírem no tempo que leva a que os adultos jovens sejam maioritários. Para além de uma possível maior propensão para o risco, é nesta faixa etária que se pode apostar num maior benefício futuro do investimento migratório, seja através da progressão na hierarquia social, seja através de uma maximização de rendimentos, objetivos que podem levar muitos anos a alcançar em contexto migratório.

Existem, naturalmente, fluxos migratórios que não obedecem a este padrão. Alguns são fluxos não económicos. Os movimentos de estudantes e de reformados, bem como os explicados por motivos de saúde, são alguns exemplos, distribuindo-se os imigrantes por diferentes faixas etárias. Os movimentos de quadros altamente qualificados ligados a empresas e outras organizações transnacionais são um outro exemplo, sendo o perfil etário destes migrantes geralmente superior à média dos migrantes económicos. Os fluxos de refugiados e, mais em geral, as migrações forçadas, são um último exemplo, onde a distribuição de idades dos migrantes pode ser idêntica à da população de partida (todos os grupos populacionais se movem). No capítulo do envelhecimento de imigrantes, o caso das migrações de reformados é o melhor exemplo de um fluxo que transporta diretamente idosos de um contexto para outro. Sabe-se que no contexto europeu e, em particular, na Europa do Sul, estes movimentos são abundantes (Williams *et al.*, 1997; Casado-Díaz, 2006), pelo que não podem deixar de ser alvo de atenção no caso português.

Os comportamentos demográficos dos imigrantes no país de destino, incluindo os seus padrões de fecundidade e de mortalidade, são um segundo fator de envelhecimento diferencial. Neste caso, a evidência disponível tem apontado para uma convergência frequente com os níveis da sociedade de destino (ver, por exemplo, Haug *et al.*,

2002). Apesar da grande heterogeneidade existente entre grupos de imigrantes e contextos de migração, é comum assistir-se, por exemplo, a uma descida para níveis de fecundidade mais reduzidos do que aqueles que caracterizavam as sociedades de origem. Uma redução da fecundidade e um aumento da esperança de vida aceleraram, claramente, o processo de envelhecimento destes grupos populacionais.

O terceiro fator referido são os níveis de reemigração ou retorno ao país de origem. Aquilo que se deve considerar, neste ponto, são as diferentes modalidades de permanência dos imigrantes nas sociedades de receção. Uma fixação generalizada destes indivíduos no país de acolhimento aumenta o seu nível de envelhecimento, enquanto a saída para outros destinos e o regresso ao país de origem, tanto numa idade jovem como num estágio já avançado do ciclo de vida, tem efeitos variados na estrutura etária e, portanto, nos indicadores de envelhecimento.

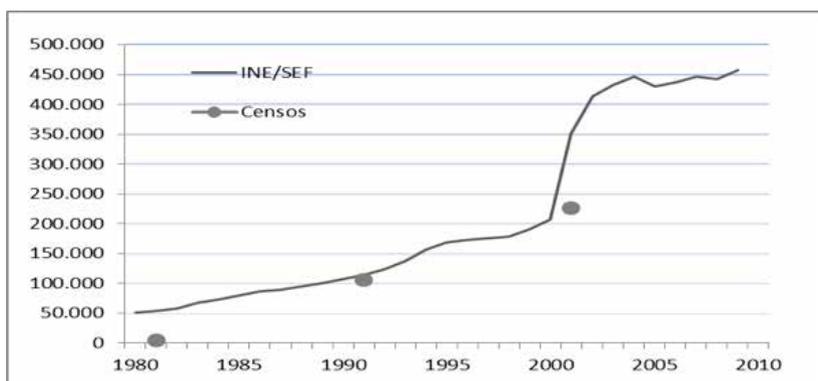
Tendo em conta estes princípios, o conhecimento disponível sobre a imigração em Portugal permite antever alguns dos principais traços do envelhecimento dos imigrantes no país, mesmo antes de se realizar uma análise pormenorizada (para uma síntese sobre o conhecimento disponível sobre imigração, ver Machado e Azevedo, 2009 e Pires *et al.*, 2010).

Considerando as décadas mais recentes, sabe-se que os primeiros fluxos significativos de origem estrangeira foram os que trouxeram migrantes cabo-verdianos para Portugal, sobretudo a partir de finais dos anos 60 do século passado. Uma vez que Cabo Verde era então uma colónia portuguesa, estes migrantes foram registados como portugueses – situação que a maioria manteve depois da independência. Após 1974 a situação altera-se radicalmente. Com o acesso das ex-colónias à independência e a adoção de uma nova lei de nacionalidade em Portugal em 1975 (Decreto-Lei nº308-A/75 de 24 junho), os novos imigrantes daí originários e que não tivessem ascendência portuguesa (isto é, europeia) passaram a ser considerados estrangeiros. Dado o efeito retroativo da lei, também alguns daqueles que já se encontravam em Portugal anteriormente e não reuniam as condições para adquirir a nacionalidade portuguesa, ou aqueles que não o fizeram por desconhecimento, acabaram por se tornar estrangeiros à face da lei (Baganha e Góis, 1998/1999). Ainda em 1974-1975, o enorme fluxo de “retornados” trouxe para Portugal (continente europeu) muitos portugueses e descendentes de portugueses, nascidos na “metrópole” ou já nascidos nas colónias. A quase totalidade destes indivíduos deverá ter mantido a nacionalidade portuguesa.

O ponto mais importante a realçar, neste aspeto, é que os fluxos oriundos de África iniciados nos anos 60, são os movimentos de origem “estrangeira” mais antigos do país – quando analisamos as décadas mais recentes, naturalmente. São estas coortes de migrantes que possuem hoje uma idade mais avançada e que deram lugar à grande maioria das “segundas” e “terceiras” gerações visíveis no mapa social português.

Alguns dos principais indicadores sobre a evolução da imigração em Portugal a partir do início dos anos 80 do século passado encontram-se na Figura 1 e no Quadro 1. Estes números são baseados no critério da nacionalidade, o mais comum para analisar a imigração no país - o que, como veremos à frente, se explica em grande parte pela maior disponibilidade de dados a este nível. Houve um crescimento quase imparável da imigração até ao início da primeira década do novo século, tendo atingido o volume de cerca de 457 mil estrangeiros residentes em Portugal, no final de 2009. A observação das nacionalidades mais relevantes torna também evidente a proveniência geográfica da maior parte dos fluxos (Quadro 1). À medida que o tempo passava, sucederam-se as vagas de imigrantes africanos, provenientes das ex-colónias; imigrantes brasileiros, cujo ritmo acelerou fortemente na viragem do século; e de imigrantes da Europa do Leste, também com intensificação na viragem do século e declínio posterior. Ao mesmo tempo, registavam-se entradas em menor número provenientes de países da União Europeia (UE), como o Reino Unido, ou de países asiáticos, como a China.

Figura 1 - Evolução do número de estrangeiros residentes em Portugal (1980-2009)



Fonte: INE (Censos e Estatísticas Demográficas) e SEF

Quadro 1 – Nacionalidades estrangeiras mais importantes em 2009 (a)

Nacionalidades	Total	Homens	Mulheres
Total (estrangeiros)	457 306	235 826	221 480
Brasil	116 583	52 218	64 365
Ucrânia	52 423	29 544	22 879
Cabo Verde	49 434	23 454	25 980
Roménia	32 457	18 512	13 945
Angola	26 772	13 290	13 482
Guiné-Bissau	23 672	14 283	9 389
Moldova, República de	20 805	11 754	9 051
Reino Unido	16 375	8 410	7 965
China	14 451	7 611	6 840
São Tomé e Príncipe	11 815	5 327	6 488
Alemanha	8 614	4 453	4 161
Espanha	8 060	4 198	3 862
Bulgária	7 202	3 965	3 237
Rússia (Federação da)	6 313	2 709	3 604
Índia	5 873	4 450	1 423

Nota: (a) Dados para 31 de dezembro de 2009

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas de 2009

Na maior parte dos casos, estes fluxos adquiriram a forma de migrações económicas clássicas, isto é, com predominância de adultos jovens. A forte orientação dos imigrantes para o mercado de trabalho português, comprovada em estudos variados (OCDE, 2008), aponta para um perfil demográfico consistente com predominância adultos jovens. Uma exceção relativa foi o dos imigrantes leste-europeus, caracterizados por um perfil etário um pouco superior à média (Baganha *et al.*, 2004). A maior exceção foi, porém, a dos migrantes provenientes da UE, com relevo para os britânicos. À semelhança do que se passou no contexto espanhol, também Portugal funcionou como uma plataforma de atração para cidadãos europeus ainda ativos (mas em idade adulta madura) ou já reformados, que se deslocaram para Portugal para gerir pequenos negócios ou, simplesmente, para adquirir melhor qualidade de vida (Pires *et al.*, 2010). Na expressão de Machado e Roldão (2010: 63), trata-se dos “idosos migrantes”, que contrastam com os “imigrantes idosos” que migraram jovens mas foram envelhecendo no país.

No que se refere aos comportamentos demográficos dos imigrantes, a evidência disponível sugere uma proximidade elevada com os registados em Portugal, quando comparados com os padrões habituais dos países de origem. Os estudos sobre o nível de fecundidade dos estrangeiros têm registado alguma heterogeneidade entre os padrões de fecundidade, com a fecundidade dos imigrantes africanos a ultrapassar a média nacional e a superar a fecundidade dos imigrantes brasileiros e europeus, por exemplo (Peixoto *et al.*, 2002; Rosa *et al.*, 2004; Peixoto, 2009). Contudo, a fecundidade registada entre os imigrantes provenientes dos países africanos é sempre muito inferior à dos seus países de origem e acredita-se que tenda para os padrões médios em Portugal. Sobre a esperança de vida dos imigrantes os dados são escassos, o que resulta sobretudo da sua elevada juventude demográfica e pouca exposição aos riscos de morte associados ao envelhecimento (Peixoto *et al.*, 2002; Rosa *et al.*, 2004; Peixoto, 2009). Contudo, de novo, e devido aos progressos efetuados na área da integração e o maior acesso à proteção social e equipamentos de saúde por parte dos migrantes, é possível também que exista tendência para uma maior longevidade. Considerando em simultâneo os níveis de fecundidade e de mortalidade, devemos estar em presença de um padrão de duplo envelhecimento das populações imigrantes, isto é, redução da proporção de jovens e aumento da proporção de idosos.

Quanto aos níveis de permanência dos imigrantes em Portugal, os dados são de novo escassos. As medidas estatísticas mais frequentes apenas registam os *stocks* e os fluxos de entrada anuais, pouco se sabendo sobre o montante de saídas. A variação do *stock* de imigrantes ao longo do tempo, quando subtraída do fluxo de entradas, não é um bom indicador das saídas, uma vez que o desaparecimento dos *stocks* pode ter a ver com as naturalizações, cujos números não têm sido revelados com rigor. Ainda assim, a investigação disponível parece apontar para um enraizamento elevado dos imigrantes de origem africana, que assim envelhecem no país e constituem gerações sucessivas de africanos e luso-africanos, muitas vezes apenas detentores de nacionalidade portuguesa. O mesmo não se passa com a imigração brasileira, cujo caráter temporário tem sido mais vezes anunciado (Malheiros, 2007), nem com a proveniente da Europa de Leste, que parece ter diminuído numa proporção elevada em meados da primeira década do novo século (Pires *et al.*, 2010). Nestas últimas comunidades, podemos afirmar que o envelhecimento no local é complementado pela taxa (ignorada) de retornos ou reemigração. Não se conhecendo o perfil etário dos que abandonam Portugal, nada se pode afirmar sobre o impacto sobre a estrutura etária dos que ficam.

Os padrões de envelhecimento dos imigrantes em Portugal, que resultam da ação conjugada dos fatores descritos, foram estudados algumas vezes. Utilizando como base a informação dos Censos de 1991, a comparação da estrutura etária dos estrangeiros com o total da população residente, bem como o aprofundamento do caso dos estrangeiros provenientes de diferentes contextos geográficos, foi

primeiro efetuada por Peixoto *et al.* (2002: 391-5). Nesse trabalho era visível a maior juventude dos estrangeiros, bem como a sua heterogeneidade, com relevo para o perfil muito envelhecido dos britânicos. A atualização desta informação foi posteriormente efetuada por Rosa *et al.* (2004: 57-66), com base nos dados dos Censos de 2001, e por Peixoto (2009: 25-29), com base nas estimativas da população de nacionalidade estrangeira produzidas pelo INE em 2006. As suas conclusões foram no mesmo sentido: maior juventude mas grande heterogeneidade dos padrões de envelhecimento dos estrangeiros. Um ponto importante a salientar era, porém, o envelhecimento progressivo dos estrangeiros. Por exemplo, no estudo de Rosa *et al.* (2004: 58) estimava-se que a idade média dos estrangeiros havia aumentado de 29,2 para 32,3 anos entre 1991 e 2001, um acréscimo absoluto um pouco mais intenso do que em relação ao total nacional (aumento de 36,9 para 39,5 anos).

Mais recentemente também Machado e Roldão (2010) e Marques e Ciobanu (2012) trataram o tema do envelhecimento dos imigrantes ou, noutra perspetiva, dos imigrantes idosos em Portugal. A sua abordagem só em parte foi de natureza demográfica. O primeiro estudo, de Machado e Roldão (2010), é uma abordagem compreensiva ao envelhecimento dos imigrantes, estudando o tema de um ponto de vista quantitativo e qualitativo. Neste último aspeto é aprofundado o caso dos imigrantes de origem africana, caracterizando o seu perfil e estabelecendo uma tipologia de condições de vida. Neste estudo são destacadas as diferentes formas de viver a velhice, seja por efeito de condições socioeconómicas desiguais, seja por diferentes tipos de enquadramento familiar e social. O resultado é o aprofundamento de cinco perfis sociais: velhice pobre socialmente excluída; velhice pobre familiarmente enquadrada; velhice pobre socialmente integrada; velhice confortável socialmente ativa; e velhice confortável isolada. O segundo estudo, de Marques e Ciobanu (2012), aponta também para uma significativa diversidade nos idosos migrantes, na qual se salientam cinco perfis: os que vieram para Portugal e aqui envelheceram (fundamentalmente em consequência da descolonização, mas também oriundos do Brasil); os "duas vezes migrantes" (antigos emigrantes que regressaram mais tarde e "retornados"); a "Geração 0", constituída por idosos que vieram para ajudar a família que já para aqui tinha imigrado; a "migração do pôr do sol", efetuada pelos imigrantes reformados que vêm à procura de um melhor clima; e, finalmente, os imigrantes dos PALOP que vêm à procura de cuidados médicos.

2.2. *Problemas metodológicos*

Uma questão complexa sempre presente no estudo das migrações é a do critério estatístico a adotar na definição dos "imigrantes". A escolha é sobretudo efetuada entre o critério do "país de nascimento", que permite reunir os indivíduos nascidos num outro país (independentemente da nacionalidade), e o do "país de nacionalidade", que contabiliza todos os estrangeiros (independentemente do

país de nascimento, isto é, de terem ou não migrado). O primeiro critério é o mais rigoroso: a maior vantagem dos números sobre naturalidade reside no seu caráter estável (não se pode mudar o país de nascimento, mas sim o de nacionalidade) e na sua ligação mais estrita à migração (quem não reside no país de nascimento migrou, o que não acontece necessariamente com os estrangeiros). Mas o facto de a atenção mediática e política recair sobretudo nos imigrantes estrangeiros leva a que muitos estudos, bem como a maior parte das estatísticas, utilizem o critério da nacionalidade. No caso português a opção habitual tem sido, precisamente, pelo critério da nacionalidade, dada a muito maior abundância de dados a esse nível. No nosso país este critério levanta, porém, muitos inconvenientes quando se estudam as coortes de imigrantes mais antigas – aquelas que precisamente importam num estudo sobre o envelhecimento.

Em Portugal, as limitações do critério de nacionalidade são de vária ordem. Em primeiro lugar, tal como foi acima salientado, muitos dos primeiros “imigrantes” de origem estrangeira para Portugal eram portugueses. Esse foi, sobretudo, o caso da população de origem cabo-verdiana que entrou no país (continente europeu) no final dos anos 1960 e princípio dos anos 1970. Apesar dos problemas relacionados com a lei de nacionalidade de 1975, essa população permaneceu quase sempre portuguesa e deu origem a uma descendência que quase nunca deixou de ser portuguesa. Mais do que isso, acolheu a partir de 1975 milhares de familiares, amigos e compatriotas que passaram a ser “estrangeiros” à face da lei. As mesmas redes familiares podem estar assim divididas em várias nacionalidades.

Em segundo lugar, nas estatísticas por nacionalidade surgem várias vezes descendentes da diáspora portuguesa. Quer nos Censos, quer nas estatísticas do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), os números respeitantes a nacionais de países como a França, Venezuela, Canadá ou Angola, por exemplo, respeitam muitas vezes a descendentes de emigrantes portugueses ou, simplesmente, indivíduos de origem portuguesa.

Em terceiro lugar, os numerosos casos de duplas nacionalidades e, noutra perspetiva, as aquisições de nacionalidade portuguesa, tornam potencialmente voláteis as estatísticas por nacionalidade. As variações observadas não podem muitas vezes ser explicadas pelos movimentos geográficos.

A opção por estatísticas baseadas no país de nascimento pode resolver alguns destes problemas, mas coloca outros. No caso português as desvantagens dos números baseados na naturalidade são várias.

Em primeiro lugar, trata-se de dados muito menos frequentes. Eles podem encontrar-se sobretudo nos censos, sendo as estimativas anuais a este nível demasiado agregadas – nas estatísticas anuais mais recentes do INE a população

“nascida no estrangeiro” apenas é apurada para o total e por grupos de países muito agregados (outros países da UE e países terceiros).

Em segundo lugar, os dados incluem todos os indivíduos nascidos nas ex-colónias portuguesas quando elas faziam formalmente parte de Portugal – aquilo que conta, para efeitos estatísticos, é o estatuto jurídico de cada país na atualidade. Isto é, a “população nascida no estrangeiro” inclui, em muitos casos, portugueses que nasceram em Angola ou Moçambique antes de 1974, por exemplo, mas que migraram para Portugal sobretudo durante a descolonização.

Em terceiro lugar, e de forma semelhante às estatísticas sobre nacionalidade, também neste caso se incluem os descendentes da diáspora portuguesa: os números de nascidos em países como a França ou o Canadá incluem, sobretudo, portugueses e descendentes de portugueses, cujas diferenças sociológicas para o universo de “estrangeiros” são múltiplas.

A consideração de um critério ou outro provoca diferenças importantes. Se adotarmos a solução mais habitual, a nacionalidade, a população estrangeira aumentou, entre 1991 e 2001, de 107 mil para 453 mil indivíduos, cerca de 346 mil estrangeiros. No entanto, se considerarmos os residentes à data dos censos que não tinham nascido em Portugal, os valores são de 227 mil e 651 mil nas mesmas datas, cifrando-se o aumento em cerca de 425 mil residentes. A diferença observada no número de imigrantes segundo estes dois critérios é de cerca de 346 mil em 1991 e de cerca de 425 mil em 2001.

Em anos mais recentes, considerando o critério da nacionalidade, residiam em Portugal no final do ano de 2009 cerca de 457 mil estrangeiros, correspondentes a 4,3% da população residente. Optando pelo critério do país de nascimento, esse valor eleva-se a perto de 793 mil indivíduos, correspondentes a 7,5% da população residente (Quadro 2). A diferença entre os dois valores é de cerca de 336 mil indivíduos.

Quadro 2 – População residente, população de nacionalidade estrangeira e população nascida no estrangeiro em Portugal, em 2009

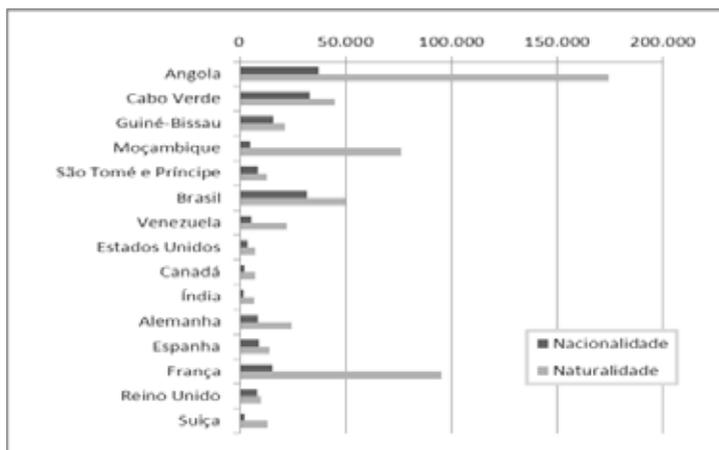
	Total	% total
População residente total	10.637.713	100,0
População nascida no estrangeiro	793.314	7,5
População de nacionalidade estrangeira	457.306	4,3

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas de 2009

Em Portugal, tal como na maioria dos países europeus, a população nascida fora do país excede a população com nacionalidade estrangeira. Vários fatores contribuem para esta diferença. Em primeiro lugar, o facto de ser possível ter mais do que uma nacionalidade, não sendo possível ter mais de um país de nascimento. Em segundo lugar, a forma como são considerados os retornados das ex-colónias – para as estatísticas oficiais, o que conta é o estatuto jurídico dos territórios na atualidade, e não a data de nascimento dos indivíduos. Finalmente, também é diferente a forma como são considerados os filhos dos emigrantes portugueses nascidos na diáspora.

Como é visível através da Figura 2, o número de naturais de outro país é quase sempre maior do que o quantitativo de nacionais desse país. As diferenças observadas dependem claramente da história das relações e fluxos migratórios entre Portugal e cada um desses países, e são particularmente expressivas no caso de Angola e Moçambique, e também relativamente a França.

Figura 2 – População com origem estrangeira no Recenseamento de 2001

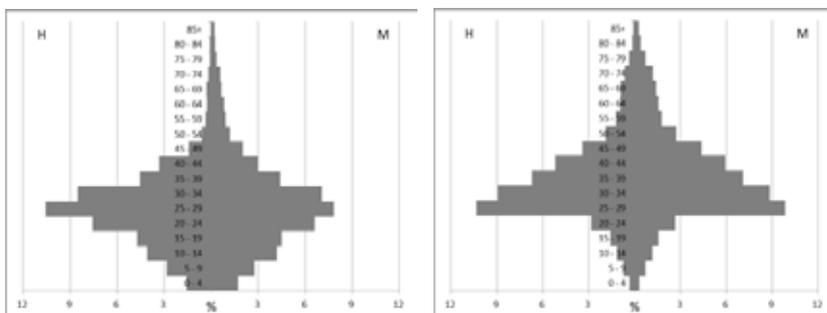


Fonte: INE, Censo de 2001

Para além destes fatores influenciarem o número de imigrantes a serem considerados para cada uma das origens geográficas, influenciam também de forma diferente os vários grupos etários, tendo por isso efeitos significativos nos indicadores de envelhecimento. A percentagem de jovens, de idosos, os índices calculados a partir da relação entre grupos funcionais e também as médias etárias das várias comunidades imigrantes são tanto mais dependentes do critério adotado, quanto mais longas e intensas foram as correntes migratórias no passado (ver secção seguinte).

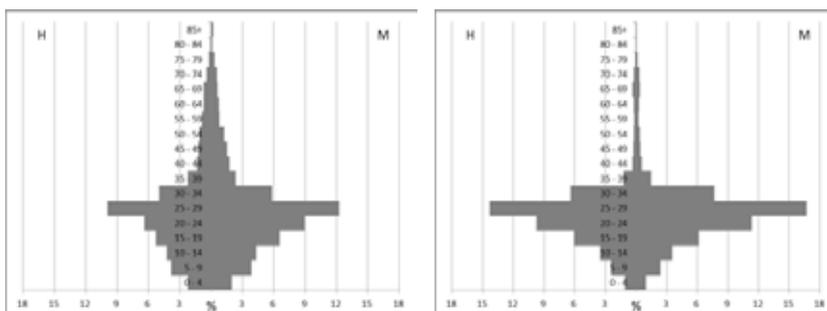
De uma forma simples podemos ver como a utilização de cada um destes critérios influência a estrutura populacional, a partir das pirâmides de idade das duas maiores comunidades formadas por nascidos fora do país: os naturais de Angola e de França (Figuras 3 e 4).

Figuras 3a e 3b - Pirâmides Etárias dos nacionais e dos naturais de Angola (Censo de 2001)



Fonte: INE, Censo de 2001

Figuras 4a e 4b - Pirâmides Etárias dos nacionais e dos naturais de França (Censo de 2001)



Fonte: INE, Censo de 2001

Em síntese, a adoção de um destes dois critérios na definição estatística de população imigrante é decisiva numa análise que seja efetuada numa perspetiva demográfica: tanto o volume como a estrutura etária das populações com diferentes origens geográficas são muito distintos de acordo com o critério adotado.

Num estudo sobre o envelhecimento dos imigrantes, a opção por um critério ou outro não é fácil. A opção pode levar a resultados muito diferentes, quer em termos de estimativas para o total de imigrantes, quer nos indicadores de envelhecimento utilizados. Numa primeira análise, o critério do “país de nascimento” é prioritário, por captar as vagas de imigrantes de origem africana, sobretudo cabo-verdianos, mais antigas. O facto de agrupar, também, muitos portugueses (europeus) nascidos nas ex-colónias e na diáspora neutraliza parte dessa vantagem. Nos estudos disponíveis sobre a demografia da população imigrante em Portugal, o principal critério base é a nacionalidade (ver, por exemplo, Rosa *et al.*, 2004; Peixoto, 2009). Contudo, um estudo recente sobre a população imigrante idosa usou como critério de base a naturalidade, embora por vezes conjugado com a nacionalidade (Machado e Roldão, 2010). Neste caso o universo considerado foi o dos naturais de todos os países estrangeiros, embora no que diz respeito aos naturais de Angola e Moçambique, de onde vieram os principais fluxos de retornados, bem como do Brasil, se considerem apenas os que detinham nacionalidade não portuguesa (Machado e Roldão, 2010: 36-38).

No nosso estudo a opção foi diversa: decidimos apresentar ambas as séries de dados, colocando lado a lado as principais variações. O conhecimento dos fatores que levam a uma determinada leitura dos números em análise poderá, assim, explicar porque em alguns casos a vantagem interpretativa é a do “país de nascimento”, enquanto noutros é a do “país de nacionalidade”.

A análise do envelhecimento das populações imigrantes a ser efetuada na secção seguinte tem como base os valores publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) sobre o número de residentes, segundo o sexo e a idade, por país de nascimento e de nacionalidade. Os dados referentes a 1991 e 2001 decorrem dos dois recenseamentos populacionais, ocorridos a 15 de abril e a 12 de março, respetivamente. Para 2009 a informação foi trabalhada a partir das estimativas populacionais, efetuadas pelo INE, para 31 de dezembro de 2009.

Deve ainda notar-se que, em rigor, censos e estimativas não são completamente comparáveis quando analisamos a população imigrante. Neste aspeto, as estimativas populacionais publicadas anualmente pelo INE, tanto para a população por país de nascimento como por nacionalidade, apresentam algumas limitações. Por um lado, apenas são discriminadas ao nível de país para o caso das nacionalidades (para as naturalidades apenas é divulgado o total dos países da UE e países terceiros). Por outro lado, as estimativas têm como base fundamental os dados do SEF relativos às autorizações de residência, pelo que abarcam apenas a componente legalizada dos movimentos migratórios.

Apesar das limitações inerentes às estimativas, elas oferecem uma possibilidade única de atualizar a informação, enquanto não forem disponibilizados os dados do Censo de 2011.

3. O envelhecimento das populações imigrantes em Portugal

O nível de envelhecimento de uma população pode ser sintetizado a partir da sua média etária, mas é mais frequentemente apreciado a partir da proporção de jovens e de idosos, bem como de rácios como o índice de envelhecimento ou a relação de dependência de idosos. Recorde-se que a percentagem de jovens é habitualmente medida a partir da proporção de indivíduos com menos de 15 anos e a de idosos a partir dos maiores de 65 anos. O índice de envelhecimento compara estes dois grupos, indicando quantos idosos existem por cada 100 jovens. Finalmente, o rácio de dependência de idosos põe em confronto os maiores de 65 anos com a população em idade ativa (15 a 64 anos), indicando quantos idosos existem por cada 100 habitantes em idade ativa. Dada a quantidade e a dimensão dos quadros com esta informação, optamos por colocá-los em anexo e apresentar apenas alguns valores e algumas pirâmides etárias ao longo do texto.

3.1. Tendências gerais

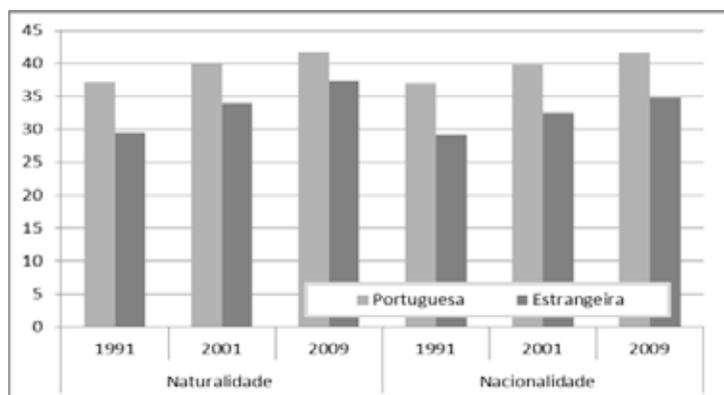
O nível de envelhecimento de uma população pode ser observado a partir da sua média etária, uma vez que esta traduz, em simultâneo, a importância relativa de todos os grupos etários num único indicador sintético. Como se pode observar no Quadro 3 e Figura 5, a média etária da população portuguesa e da população imigrante aponta para uma maior juventude desta última: qualquer que seja a data e o critério adotado, a população de origem estrangeira é mais jovem que a população nacional. A diferença na média de idades situa-se em quase 8 anos, em 1991, qualquer que seja o critério considerado, mas reduziu-se progressivamente até à atualidade, quando se encontram diferenças mais ténues.

Quadro 3 - Evolução da média das idades da população de origem nacional e estrangeira

		Portuguesa	Estrangeira	Diferença
Naturalidade	Censo de 1991	37,2	29,6	7,6
	Censo de 2001	39,9	34,0	5,9
	Estimativas para 2009	41,8	37,4	4,4
	Aumento (1991-2009)	4,6	7,8	
Nacionalidade	Censo de 1991	37,0	29,2	7,8
	Censo de 2001	39,8	32,5	7,3
	Estimativas para 2009	41,7	34,8	6,9
	Aumento (1991-2009)	4,7	5,6	

Fonte: INE, Censos de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Figura 5 – Evolução da média das idades da população de origem nacional e estrangeira



Fonte: INE, Censos de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Esta diluição da diferença de idades está associada ao facto dos imigrantes terem envelhecido a um ritmo superior ao da população nacional, particularmente se se considerar o critério do país de nascimento. Enquanto o aumento da média etária não atinge os 5 anos na população portuguesa, na comunidade imigrante o aumento é mais acentuado: quase 8 anos, de acordo com a naturalidade, e quase 6 anos, segundo a nacionalidade.

Podemos assim distinguir duas perspetivas: a do nível de envelhecimento e a do ritmo de envelhecimento. Na primeira, pode verificar-se que a comparação das populações imigrantes com a população autóctone aponta para que, no mesmo momento do tempo, se encontre um menor nível de envelhecimento na população imigrante. Na segunda, tudo indica que é na comunidade imigrante que se encontra um maior ritmo de envelhecimento populacional.

Recorde-se, no entanto, que as diferenças observadas entre as médias etárias traduzem não apenas diferenças na importância relativa da população idosa e dos outros dois grupos funcionais (jovens e adultos), mas também processos de envelhecimento dentro da população em idade ativa, que podem ser particularmente importantes nas comunidades imigrantes nas quais a população com essa idade é preponderante. Para além disso, é importante notar que são sobretudo as populações mais jovens que se diluem na população portuguesa, por adquirirem a nacionalidade ou por terem nascido no país.

De facto, o maior envelhecimento relativo dos imigrantes não decorre de um maior aumento da população idosa (de 2001 para 2009, a percentagem de idosos

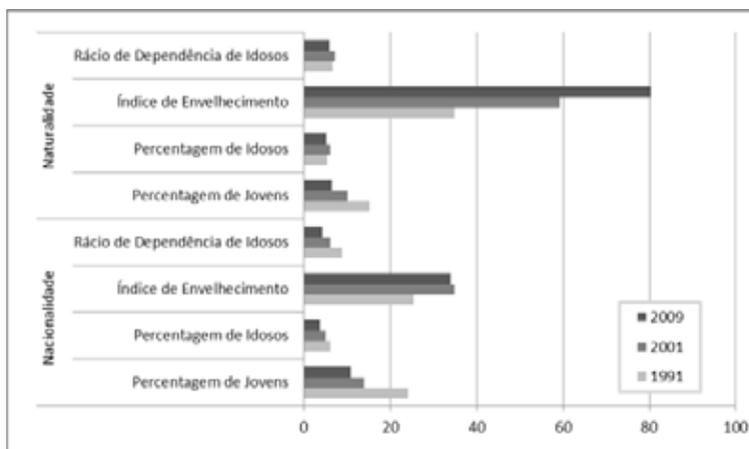
nascidos no estrangeiro diminui de 6,0% para 5,2% e a de idosos com nacionalidade estrangeira desce de 4,9% para 3,7%), mas fundamentalmente de uma redução da proporção de jovens (que na última década diminuem de 10,1% para 6,4%, no caso dos nascidos no estrangeiro, e de 13,9% para 10,8%, na população com nacionalidade estrangeira) e de um envelhecimento da população em idade ativa (que se tornará claro nos próximos parágrafos deste texto) (ver Quadro 4 e Figura 6). Este efeito poderá ter resultado da diluição da descendência dos imigrantes entre os “nascidos em Portugal” e os nacionais portugueses (no caso de aquisição de nacionalidade portuguesa por parte dos mais jovens) e, também, de uma diminuição dos fluxos de adultos jovens durante a última década, em resultado dos problemas económicos que o país enfrentou.

Quadro 4 - Evolução dos indicadores de envelhecimento para a população portuguesa e estrangeira

		Portugueses			Imigrantes		
		1991	2001	2009	1991	2001	2009
Nacionalidade	% de Jovens	19,9	16,0	15,4	24,0	13,9	10,8
	% de Idosos	13,7	16,7	18,5	6,1	4,9	3,7
	Índice de Envelhecimento	69,0	104,9	120,2	25,3	34,9	33,9
	Rácio de Dependência de Idosos	20,6	24,9	28,0	8,7	6,0	4,3
Naturalidade	% de Jovens	20,2	16,4	15,9	15,1	10,1	6,4
	% de Idosos	14,0	17,0	18,9	5,3	6,0	5,2
	Índice de Envelhecimento	69,3	104,0	118,8	34,9	59,3	80,3
	Rácio de Dependência de Idosos	21,3	25,6	29,0	6,6	7,1	5,8

Fonte: INE, Censos de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Figura 6 - Evolução dos indicadores para a população imigrante



Fonte: INE, Censos de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Apesar desta tendência geral, o nível atual de envelhecimento encontrado nas diferentes comunidades de imigrantes é bastante diversificado. Na verdade, a estrutura etária e a sua evolução só podem ser compreendidos em função da origem geográfica dos imigrantes residentes em Portugal. Assim, nos parágrafos seguintes, o estudo do envelhecimento está organizado de acordo com as principais regiões de origem dos imigrantes, salientando os principais países de origem. Para que a análise se estendesse até à atualidade, as pirâmides etárias foram construídas a partir das populações definidas a partir da nacionalidade, mas a análise será complementada com indicadores calculados a partir do país de nascimento. Em anexo são apresentados os quadros, para cada uma das origens geográficas, segundo os dois critérios.

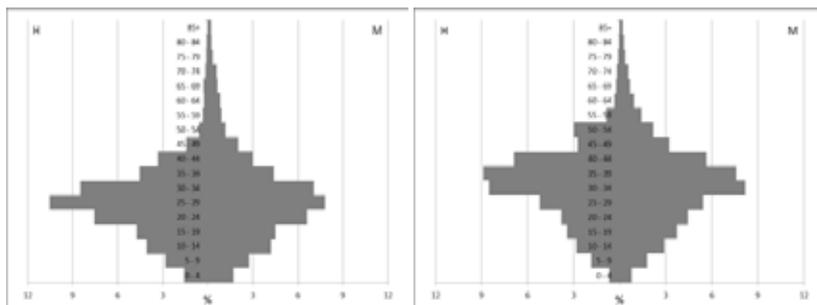
3.2. Os imigrantes africanos

A população de origem africana mostra médias etárias muito diversificadas, variando entre 32 e 37 anos em 2009, se for considerada a nacionalidade e, entre 33 e 40 anos em 2001, tomando como base a naturalidade. Este último critério parece ser bastante relevante neste caso, por permitir captar imigrantes de origem africana que tenham entrado em Portugal antes da descolonização. Observando estes dados, enquanto os guineenses e os são-tomenses são bastante jovens (entre 33 e 35 anos em 2001), os nascidos em Cabo Verde e em Moçambique têm uma média de idade que ultrapassa o valor encontrado para os nascidos em Portugal (cerca de 40 anos, face a um total geral no país de 39,5 anos). Estes números indiciam a antiguidade da corrente migratória cabo-verdiana embora, no

caso de Moçambique, possam refletir a maior idade à entrada de alguns grupos após a descolonização.

Considerando os imigrantes com nacionalidade angolana, estes mostram uma população muito pouco envelhecida no topo da pirâmide (Figuras 7a e 7b), como confirmam os indicadores da proporção de idosos: em 2009, menos de 3% desta população tinha mais de 65 anos e existiam 24 idosos por cada 100 jovens. Nesta última data, os angolanos têm, em média, quase 34 anos, um valor relativamente baixo para o conjunto dos imigrantes em Portugal.

Figuras 7a e 7b - População com nacionalidade angolana em 2001 e 2009

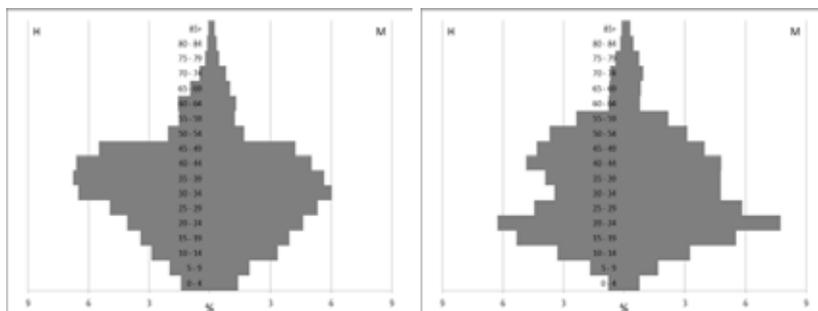


Fonte: INE, Censo de 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

No entanto, se for considerada a naturalidade, em 2001, a importância da população idosa atinge já os 6% e o índice de envelhecimento aponta para cerca de 140 idosos por cada 100 jovens. A diferença, observada entre estas duas formas de medir o envelhecimento nos indivíduos de origem angolana, está associada à população retornada no decurso do processo de descolonização.

Qualquer que seja o critério considerado, os imigrantes de origem cabo-verdiana são mais envelhecidos do que os angolanos. Se for considerada a nacionalidade, aqueles apresentam cerca de 6% de idosos em 2009, o que se traduz num índice de envelhecimento de aproximadamente 48 idosos por cada 100 jovens. Mais uma vez, se for tomado como critério definidor da comunidade o país de nascimento, encontra-se uma realidade muito diversa: a proporção de idosos atinge os 8% em 2001 e existem 123 idosos por cada 100 jovens. Por seu lado, a média etária situa-se nos 40 anos. A antiguidade da imigração cabo-verdiana fica bem evidenciada por estes dados.

Figuras 8a e 8b - População com nacionalidade cabo-verdiana em 2001 e 2009



Fonte: INE, Censo de 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

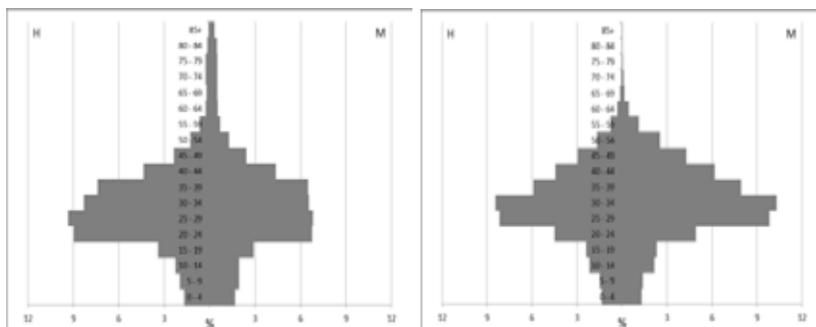
Na última década, a estrutura etária da população com nacionalidade cabo-verdiana sofre grandes transformações (Figuras 8a e 8b). A população em idade ativa envelhece, mas fundamentalmente perde muitos homens entre os 25 e os 40 anos. No sentido inverso ganha muitas mulheres entre os 15 e os 30 anos, em especial nos 20-25 anos. O sentido destas mudanças não é fácil de interpretar, mas pode estar associada a um incremento da reemigração por parte de cabo-verdianos. Para além desta forte alteração na população em idade ativa, pode observar-se que o topo da pirâmide também mostra algum envelhecimento.

Nas populações de origem africana é possível encontrar um acentuado envelhecimento na base da pirâmide. Este é mais elevado se for adotado o critério da naturalidade, mas é ainda assim visível no critério da nacionalidade. Devido à sua maior antiguidade no país e ao grande volume da sua descendência, é nestes grupos que mais se destaca o papel das aquisições de nacionalidade nas idades mais jovens. Para além disso, o envelhecimento na base pode estar relacionado com a progressiva aproximação da fecundidade das mulheres de origem africana aos padrões europeus.

3.3. Os imigrantes do continente americano

De entre as comunidades oriundas do continente americano, a mais importante é a brasileira. Esta é, na atualidade, uma das mais jovens em Portugal. Considerando o critério da nacionalidade, a média etária dos brasileiros residentes em Portugal é de cerca de 32 anos em 2009 (nessa data, entre as nacionalidades mais importantes, só os chineses, moldavos e romenos apresentavam um valor mais baixo). A evolução das pirâmides de idades dos brasileiros (Figuras 9a e 9b) mostra a manutenção de um perfil etário jovem neste grupo e também um importante processo de femininização.

Figuras 9a e 9b - População com nacionalidade brasileira em 2001 e 2009



Fonte: INE, Censo de 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

A comparação destas duas pirâmides também mostra o quase desaparecimento da população idosa. Como o crescimento desta comunidade se fez a partir das idades ativas, em especial das idades ativas mais jovens, em termos proporcionais a população com mais de 65 anos passa a ter um peso reduzidíssimo: em 2009 não chega a 1% dos imigrantes brasileiros.

Tal como anteriormente, todos os indicadores apresentam diferenças se for usado o critério do país de nascimento. Nessa situação, em 2001, a percentagem de idosos é de 9%, o índice de envelhecimento atinge os 94 idosos por cada 100 jovens e a média etária situa-se em 35 anos. Neste caso, ao grupo dos imigrantes de nacionalidade brasileira que nos últimos anos chegaram ao país deve ser associada uma importante parcela de portugueses nascidos no Brasil, bem como de brasileiros imigrados há mais tempo que entretanto se naturalizaram, que alteram profundamente a estrutura etária dos primeiros.

Ainda no continente americano, venezuelanos, norte-americanos e canadenses representam populações com alguma importância, embora muito inferior aos brasileiros. Estes grupos apresentam uma grande diversidade de situações em termos de envelhecimento, sendo alguns deles particularmente jovens de acordo com a naturalidade (por exemplo, o Canadá) e envelhecidos de acordo com a nacionalidade (por exemplo, os oriundos dos EUA).

3.4. Os imigrantes asiáticos

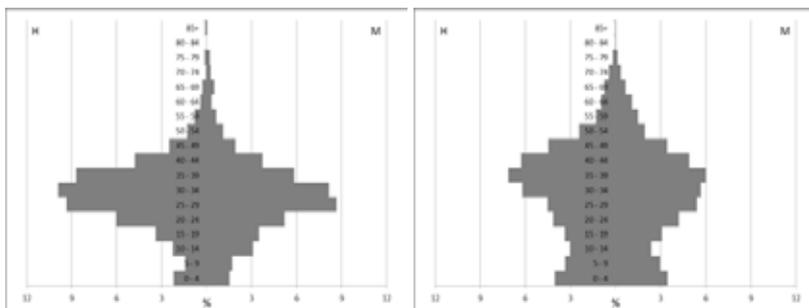
Os residentes em Portugal oriundos da Ásia têm fundamentalmente três origens geográficas: China, Índia e Paquistão. Estes grupos não apresentam grandes diferenças entre si se for considerado o critério da nacionalidade (médias etárias entre 31 e 34 anos), mas são marcadamente diferentes se a análise se basear na

naturalidade: os nascidos na Índia apresentam uma das médias etárias mais elevadas, 51 anos, enquanto os outros asiáticos apresentam valores mais próximos, em torno dos 35 anos. O facto de muitos dos retornados moçambicanos após a descolonização terem origem na Índia é a explicação mais óbvia para esta diferença.

Considerando o critério da nacionalidade, a maior das comunidades asiáticas é formada pelos imigrantes com nacionalidade chinesa, que constituem uma das populações imigrantes mais jovens, com uma média etária de cerca de 31 anos e com uma proporção de idosos que não chega aos 3% em 2009. Todos os indicadores que dependem do número de idosos mostram também níveis reduzidos, embora mais expressivos se for considerada a naturalidade em lugar da nacionalidade.

A comunidade chinesa, que cresceu de forma muito forte na última década, mostra um nível de envelhecimento reduzido nestes dois momentos (Figuras 10a e 10b). É de salientar o facto da base da pirâmide mostrar uma forma muito diferente dos outros grupos imigrantes: há um alargar da base da pirâmide, que pode indiciar um rejuvenescimento da população no futuro.

Figuras 10a e 10b - População com nacionalidade chinesa em 2001 e 2009



Fonte: INE, Censo de 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

3.5. Imigrantes de países da União Europeia

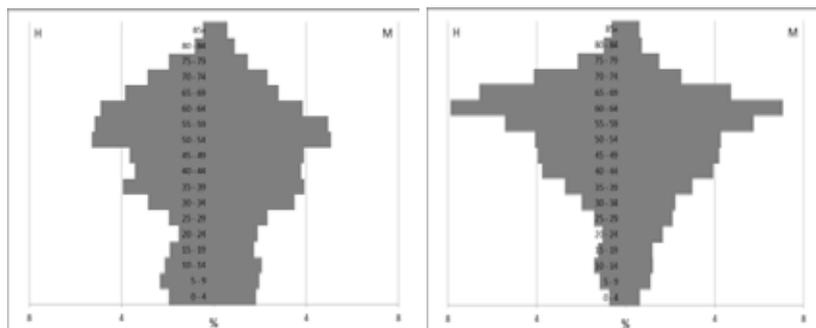
As populações com nacionalidade dos países da União Europeia constituem as comunidades imigrantes mais envelhecidas. Considerando o critério da nacionalidade, as médias etárias variam entre os 40 anos e pouco mais de 50 anos, em 2009. A percentagem de idosos situa-se entre os 8% e os 25% e o índice de envelhecimento indica que existem sempre mais idosos do que jovens. Estes valores são quase sempre mais altos do que a média portuguesa. Contudo, se se considerar o critério do país de nascimento, encontramos uma diversidade de situações invulgar: as médias etárias vão desde os 14-25 anos, para naturais da Suíça e de França, até aos 40-43 anos, para nascidos em Espanha, Reino Unido e Itália (dados

de 2001). Esta variação liga-se à origem destas populações: se no primeiro caso se trata certamente de filhos de emigrantes portugueses nascidos fora de Portugal, no segundo trata-se de cidadãos estrangeiros que passaram a viver no país.

De entre as comunidades europeias, a mais envelhecida é a do Reino Unido: considerando a nacionalidade, a média etária situa-se em 51 anos e a percentagem de idosos em 25% em 2009. Trata-se, claramente, dos imigrantes mais envelhecidos a viver em território nacional – pelo menos quando selecionamos as nacionalidades mais numerosas. Por cada 100 jovens com esta nacionalidade, existem quase 390 idosos. Em alternativa, se considerada a partir do país de nascimento, a média etária é mais baixa em cinco anos do que tendo por referência a nacionalidade em 2001. Também a proporção de idosos é menor, apenas 14%, e o mesmo se passa com o índice de envelhecimento. Em qualquer caso, estes números estão associados aos britânicos que, desde há muito, residem no território português e às vagas mais recentes ligadas à “migração de reformados” (Pires *et al.*, 2010).

As pirâmides etárias dos residentes com nacionalidade do Reino Unido mostram, por um lado, uma população muito envelhecida e, por outro lado, um forte processo de envelhecimento (significativamente, entre 2001 e 2009 a média da idade sobe 6 anos). O acentuar do número de “idosos migrantes”, ligados à dinâmica de regiões como o Algarve, pode explicar esta evolução.

Figuras 11a e 11b - População com nacionalidade do Reino Unido em 2001 e 2009

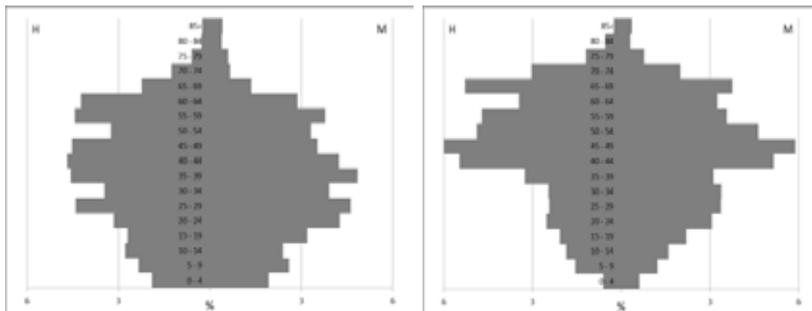


Fonte: INE, Censo de 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Também os alemães e os espanhóis constituem comunidades importantes com origem na Europa. Tomando o critério da nacionalidade, os alemães mostram um processo de envelhecimento muito acentuado na última década. Eram já uma população envelhecida em 2001 mas, uma década depois, essa tendência é ainda mais significativa, como é visível nas pirâmides etárias (Figuras 12a e 12b). Este

envelhecimento decorre, fundamentalmente, de um estreitamento da pirâmide nas idades jovens e ativas-jovens.

Figuras 12a e 12b - População com nacionalidade alemã em 2001 e 2009

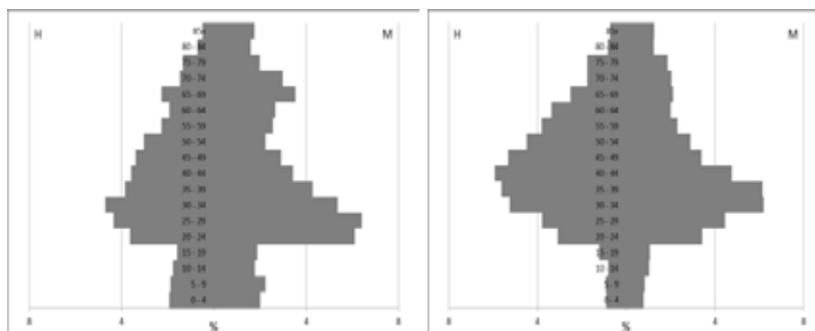


Fonte: INE, Censo de 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Ainda considerando o critério da nacionalidade, a média etária desta comunidade aumentou quase sete anos na última década, sendo hoje de 45 anos. Também a percentagem de idosos aumentou até aos 18% observados na atualidade, traduzindo-se num índice de envelhecimento de 235 idosos para cada 100 jovens com esta nacionalidade. Contudo, se definidos a partir da naturalidade, os alemães são, em média, mais jovens (cerca de 30 anos) do que a partir da nacionalidade (aproximadamente 38 anos) – dados para 2001. Tal como no caso dos oriundos de França ou da Suíça, a diferença observada está associada aos filhos de emigrantes portugueses neste país de destino.

Os espanhóis residentes em Portugal também constituem uma comunidade muito envelhecida, embora menos do que os ingleses e alemães. Pelo lado da nacionalidade, a sua média etária aponta para 44 anos, em 2009, data na qual se podem encontrar cerca de 16% dos residentes com mais de 65 anos. Para além disso, como mostram as pirâmides etárias (Figuras 13a e 13b), a população jovem é bastante reduzida, o que se traduz num índice de envelhecimento de 303 idosos por cada 100 jovens. Se considerados a partir do país de nascimento, os imigrantes oriundos de Espanha são também envelhecidos: em 2001, tinham 24% de idosos, dois idosos por cada jovem e uma média etária de 43 anos.

Figuras 13a e 13b - População com nacionalidade espanhola em 2001 e 2009



Fonte: INE, Censo de 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

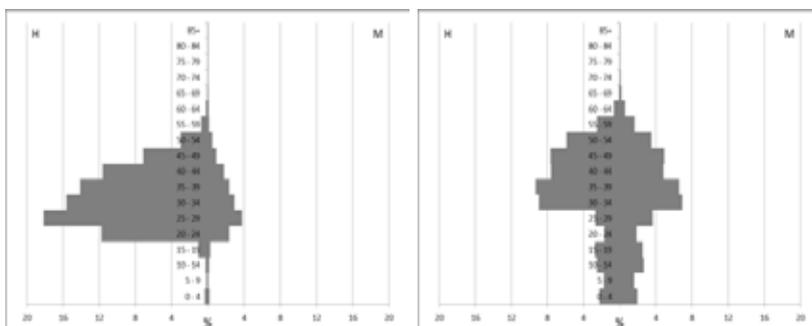
3.6. Os imigrantes da Europa de Leste

A vaga de imigrantes do Leste europeu que marcou os últimos anos mostra uma evolução muito forte, quer no volume, quer na estrutura etária. Ao contrário das outras comunidades, os valores são muito similares, quer seja adotado o critério da nacionalidade ou da naturalidade.

No geral, em termos de distribuição etária encontra-se alguma diversidade, entre os imigrantes de diferentes proveniências, com médias entre os 30 e os 35 anos. Os mais jovens são os imigrantes provenientes da Roménia e Moldávia, por contraste com os oriundos da Bulgária, Ucrânia e Rússia. No entanto, a proporção de idosos é sempre muito reduzida: geralmente menos de 1%.

A maior destas comunidades, a ucraniana, era muito marcadamente masculina e concentrada nas idades adultas até há poucos anos. Na atualidade, adquiriu uma composição mais equilibrada do que anteriormente, embora o sexo masculino mantenha uma preponderância clara (Figuras 14a e 14b). Em termos de envelhecimento no topo não houve qualquer alteração e quase não existem idosos. No entanto, na base da pirâmide assistiu-se a um rejuvenescimento demográfico, o que está associado aos processos de reunificação familiar e integração no país.

Figuras 14a e 14b - População com nacionalidade ucraniana em 2001 e 2009

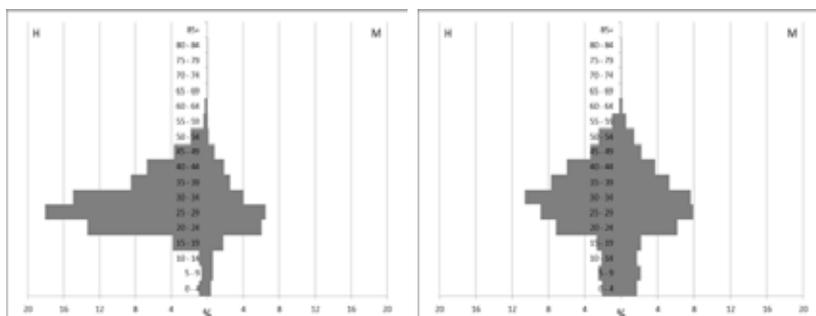


Fonte: INE, Censo de 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

As características e evolução manifestadas pela população residente em Portugal com origem romena são similares às da população ucraniana. Este grupo é, porém, um pouco mais jovem de acordo com a média etária (cerca de 30 anos), fundamentalmente devido a uma maior juventude da população em idade ativa, já que nos indicadores dependentes da proporção de idosos não se revelam diferenças significativas.

Embora fosse muito masculinizada em 2001, era-o menos acentuadamente do que a ucraniana e, mais tarde, em 2009, mostra o mesmo tipo de evolução no sentido de um maior equilíbrio (Figuras 15a e 15b). Os idosos são praticamente inexistentes e assiste-se, também, a um rejuvenescimento na base da pirâmide.

Figuras 15a e 15b - População com nacionalidade romena em 2001 e 2009



Fonte: INE, Censo de 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Em síntese, pode verificar-se que, nas comunidades formadas quase exclusivamente por fluxos recentes, como é o caso dos imigrantes de Leste, as diferenças decorrentes da opção pelo critério da nacionalidade ou naturalidade não são muito relevantes. Em qualquer dos casos, a população idosa é muito reduzida.

No caso oposto encontram-se as comunidades constituídas por imigrantes dos países africanos. Aqui as diferenças geradas pela adoção de um ou de outro critério são geradoras de leituras diferentes. O país de nascimento aponta para grupos bem mais envelhecidos que o país de nacionalidade.

Os imigrantes brasileiros situam-se entre estes dois pólos. Encontram-se algumas diferenças decorrentes do critério adotado, mas é visível que é uma das comunidades mais jovens, em especial se se observar a evolução na última década. Esta foi também a maior fonte de imigração recente para Portugal nos últimos anos.

No caso dos residentes com origem na União Europeia as diferenças decorrentes da opção entre critérios são muito acentuadas no caso de alguns dos países de destino tradicionais da emigração portuguesa. Mas, no caso de se considerar apenas os grupos mais importantes a partir do país de nacionalidade, pode observar-se um envelhecimento acentuado, frequentemente maior do que na população de origem portuguesa. Este é o grupo onde a migração de idosos (ou de adultos em idade madura) adquire a sua máxima expressão.

4. Conclusão

O estudo do nível e dinâmicas do envelhecimento dos imigrantes em Portugal, utilizando tanto o critério do país de naturalidade (aqueles que podem ser verdadeiramente designados de imigrantes, independentemente da nacionalidade) como o do país de nacionalidade (aqueles que mais frequentemente são associados ao universo da imigração, mesmo quando já nasceram em Portugal e nunca migraram), confirma a sua maior juventude e, em certa medida, maior ritmo de envelhecimento do que a população autóctone – embora se trate de envelhecimento na base e da população em idade ativa (diminuição de jovens e envelhecimento dos adultos), e não de envelhecimento no topo (aumento de idosos).

A maior juventude demográfica dos imigrantes tem sido repetidamente valorizada em vários contextos. Face a uma dinâmica de forte envelhecimento da população portuguesa, a entrada de imigrantes em idade adulta jovem, bem como o efeito indireto causado pela sua descendência, provoca um efeito de desaceleração do envelhecimento que nunca é demais de salientar. Indicadores como a idade média dos imigrantes, proporção de idosos ou índice de envelhecimento confirmam a muito maior vitalidade demográfica da população imigrante.

O ritmo de envelhecimento dos imigrantes parece ser, porém, ligeiramente mais forte do que a da restante população. A observação de indicadores como o aumento da idade média dos imigrantes e das pirâmides etárias de alguns grupos mais numerosos parece confirmar um maior envelhecimento relativo na última década, causado pelo envelhecimento da população em idade ativa e, em parte, pela diminuição do número de jovens, mas não pelo aumento do número de idosos – que se mantêm em valores residuais. Isto é, verifica-se envelhecimento na base e a meio da pirâmide, mas não envelhecimento no topo. A desaceleração da imigração para Portugal na última década pode explicar essa tendência, bem como a diluição da descendência dos imigrantes entre os “nascidos em Portugal” e os “portugueses”, o que provoca a sua invisibilidade nas estatísticas, e alguma aproximação aos padrões médios de fecundidade. O caráter recente da imigração para Portugal explica porque, na maioria dos casos, ainda há poucos imigrantes idosos.

Para além disto, qualquer que seja o critério utilizado, é muito clara a heterogeneidade interna dos imigrantes. Mais do que falar em envelhecimento dos imigrantes em geral, ou do que analisar globalmente o seu perfil etário, interessa discriminar os diferentes grupos existentes na população. Assim, e apesar de alguma complexidade resultante de dificuldades de natureza metodológica, verifica-se que as comunidades de presença mais antiga no país, como algumas de origem africana (sobretudo Cabo Verde) e europeia (sobretudo países ocidentais da União Europeia), detêm níveis de envelhecimento superiores à média. O caso dos imigrantes provenientes do Reino Unido é o mais extremo, o que se liga à particularidade das “migrações de idosos” – indivíduos que procuram Portugal como local de residência numa fase avançada do ciclo de vida. Em contrapartida, as correntes mais recentes são aquelas que apresentam maior juventude. Esse é o caso de alguns imigrantes provenientes do Brasil, sobretudo os que detêm nacionalidade brasileira, que acederam maioritariamente ao país nos últimos 15 anos, e de algumas outras vagas migratórias particulares, como sucede com os chineses.

Existem, porém, numerosas dificuldades metodológicas para se aferir o nível e dinâmica de envelhecimento dos imigrantes. A opção pelo critério do “país de nascimento” ou do “país de nacionalidade” torna muito diversos os indicadores de volume, estrutura etária e envelhecimento dos migrantes. No caso dos números baseados na naturalidade, o contexto histórico e migratório de Portugal explica estas diferenças. A existência de uma importante vaga proveniente das antigas colónias, sobretudo na década de 70 do século passado (indivíduos que são hoje classificados como “nascidos no estrangeiro”), e as contracorrentes oriundas da diáspora portuguesa (descendentes de emigrantes portugueses que nasceram no estrangeiro e são algumas vezes “estrangeiros”) criam dificuldades de interpretação nas estatísticas disponíveis. No caso dos números sobre nacionalidade, o progressivo acesso das populações à nacionalidade portuguesa, incluindo a posse de dupla nacionalidade, torna ainda mais complexa a evolução de alguns grupos.

Referências bibliográficas

- AAV (2006), "Special Issue: Older Migrants in Europe: Experiences, Exclusion and Constructive Accommodation", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 32, nº 8, pp. 1257-1437.
- Baganha, M. I., Marques, J. C. e Góis, P. (2004), "Novas migrações, novos desafios: a imigração do Leste europeu", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 69, pp. 95-115.
- Baganha, M. I. e Góis, P. (1998/1999), "Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 52/53, pp. 229-280.
- Casado-Díaz, M. A. (2006), "Retiring to Spain: an analysis of differences among North European nationals", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 32, nº 8, pp. 1321-1339.
- Haug, W., Compton, P. e Courbage, Y. (eds.) (2002), *The Demographic Characteristics of Immigrant Populations*, Estrasburgo: Conselho da Europa.
- Machado, F. L. e Roldão, C. (2010), *Imigrantes Idosos: Uma Nova Face da Imigração em Portugal*, Lisboa: Observatório da Imigração / ACIDI.
- Machado, F. L. e Azevedo, J. (2009), "A investigação sobre imigração e etnicidade em Portugal: tendências, vazios e propostas", *Revista Migrações*, nº 4, Lisboa: ACIDI, pp. 7-31.
- Malheiros, J. M. (org.) (2007), *Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Marques, M. M. e Ciobanu, R. O. (2012), *Migrantes Idosos em Portugal*, Cascais: Príncipeia.
- OCDE (2008), *Jobs for Immigrants (Vol. 2): Labour Market Integration in Belgium, France, the Netherlands and Portugal*, Paris: OECD.
- Peixoto, J. (2009), "A demografia da população imigrante em Portugal", in Lages, M. F. e Matos, A. T. (coord.), *Portugal: Percursos de Interculturalidade (vol. II)*, Lisboa: ACIDI e CEPCEP, pp. 7-47.
- Peixoto, J., Carrilho, M. J., Branco, R. e Carvalho, R. (2002), "The demographic characteristics of populations with an immigrant background in Portugal", in Haug, W., Compton, P. e Courbage, Y. (eds.), *The Demographic Characteristics of Immigrant Populations*, Estrasburgo: Council of Europe Publishing, pp. 363-418.
- Pires, R. P. (coord.), Machado, F. L., Peixoto, J. e Vaz, M. J. (2010), *Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*, Lisboa: Tinta da China / Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rosa, M. J. V., Seabra, H. e Santos, T. (2004), *Contributos dos Imigrantes na Demografia Portuguesa. O Papel das Populações de Nacionalidade Estrangeira*, Lisboa: Observatório da Imigração/ACIME.
- Thomas, D. S. (1938), *Research Memorandum on Migration Differentials*, Nova Iorque: Social Science Research Council, Bulletin 43.
- Williams, A. M., King, R. e Warnes, T. (1997), "A Place in the Sun: International Retirement Migration from Northern to Southern Europe", *European Urban and Regional Studies*, vol. 4, nº 2, pp. 115-134.

Quadro A1 – População residente, portuguesa e estrangeira nos Censos de 1991 e 2001

	Censo de 1991			Censo de 2001		
	Nacionalidade	Naturalidade	Diferença	Nacionalidade	Naturalidade	Diferença
População Total	9.867.147	9.867.147		10.356.117	10.356.117	
Portuguesa	9.710.542	9.414.645		10.001.074	9.704.645	
Estrangeira	106.571	452.502	345.931	226.715	651.472	424.757
PALOP	33.408	266.036	232.628	99.185	329.116	229.931
Angola	9.365	145.602	136.237	37.014	174.210	137.196
Cabo Verde	15.702	31.043	15.341	33.145	44.964	11.819
Guiné-Bissau	3.162	6.775	3.613	15.824	21.435	5.611
Moçambique	3.172	76.878	73.706	4.685	76.017	71.332
São Tomé e Príncipe	2.007	5.738	3.731	8.517	12.490	3.973
Brasil	13.499	24.383	10.884	31.869	49.891	18.022
Venezuela	8.455	15.368	6.913	5.242	22.353	17.111
Estados Unidos	4.672	5.618	946	3.469	7.301	3.832
Canadá	2.728	4.379	1.651	1.952	7.326	5.374
China	356	504	148	2.176	2.287	111
Índia	491	6.413	5.922	1.571	6.639	5.068
Paquistão	309	224	-85	848	858	10
Alemanha	5.398	16.512	11.114	8.387	24.283	15.896
Espanha	6.272	11.343	5.071	9.047	13.957	4.910
França	13.740	60.028	46.288	15.359	95.275	79.916
Países Baixos	1.423	1.874	451	2.741	3.250	509
Itália	860	1.013	153	1.793	1.958	165
Reino Unido	5.977	7.054	1.077	8.227	10.068	1.841
Suíça				2.178	12.897	10.719
Bulgária				543	628	85
Moldávia				2.984	3.040	56
Roménia				2.661	2.804	143
Rússia				2.089	2.331	242
Ucrânia				10.793	10.946	153
Mais do que uma nac.	30.256			127.253		

Fonte: INE, Censo de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Quadro A2 – Número de jovens e de idosos na população estrangeira em 1991, 2001 e 2009

	Naturalidade					
	1991		2001		2009	
	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos
Estrangeira	68.159	23.807	65.540	38.863	51.026	40.959
Angola	6.452	5.352	7.671	10.730		
Cabo Verde	2.489	1.720	2.977	3.651		
Guiné-Bissau	934	125	2.265	585		
Moçambique	4.403	3.266	599	5.835		
São Tomé e Príncipe	612	340	1.279	751		
Brasil	4.517	4.502	4.706	4.417		
Venezuela	7.066	24	3.814	58		
Estados Unidos	2.171	742	2.035	720		
Canadá	2.136	29	2.201	57		
China	47	70	159	108		
Índia	142	1.196	75	1.485		
Paquistão	21	20	10	32		
Alemanha	5.761	445	3.074	841		
Espanha	1.833	2.574	1.666	3.333		
França	19.573	589	13.280	1.626		
Países Baixos	427	126	423	301		
Itália	108	196	280	267		
Reino Unido	1.432	925	1.776	1.408		
Suíça			9.477	157		
Bulgária	54	4	42	5		
Moldávia			38	4		
Roménia	6	7	98	15		
Rússia			214	18		
Ucrânia			114	27		
+ de 1 Nacion.						

Fonte: INE, Censo de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Quadro A2 (cont.) – Número de jovens e de idosos na população estrangeira em 1991, 2001 e 2009

	Nacionalidade					
	1991		2001		2009	
	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos
Estrangeira	25.594	6.486	31.519	11.001	49.457	16.777
Angola	1.771	247	6.340	982	2.898	705
Cabo Verde	1.198	533	4.319	1.595	5.680	2.713
Guiné-Bissau	548	30	2.576	196	2.492	350
Moçambique	684	129	254	276	222	203
São Tomé e Príncipe	386	51	1.590	273	1.739	370
Brasil	2.933	1.022	3.650	1.057	11.533	712
Venezuela	3.854	26	907	25	119	33
Estados Unidos	1.750	542	768	458	168	388
Canadá	1.275	41	510	97	29	74
China	44	16	265	38	2.779	381
Índia	40	78	59	93	504	83
Paquistão	56	46	17	48	341	43
Alemanha	1.530	348	1.169	676	643	1.508
Espanha	849	1.428	1.051	1.643	428	1.300
França	4.977	242	3.145	507	416	509
Países Baixos	267	127	338	330	392	899
Itália	85	146	164	208	253	365
Reino Unido	956	935	1.011	1.489	1.036	4.036
Suíça			1.137	145	53	236
Bulgária			34	3	648	36
Moldávia			42	4	3.234	35
Roménia			110	6	4.039	56
Rússia			144	8	685	102
Ucrânia			93	25	6.691	198
+ de 1 Nacion.	9.594	1.474	29.234	8.399		

Fonte: INE, Censo de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Quadro A3 – Percentagem de jovens (0-14 anos) em 1991, 2001 e 2009

	Naturalidade			Nacionalidade		
	1991	2001	2009	1991	2001	2009
Total	20,0	16,0	15,2	20,0	16,0	15,2
Portuguesa	20,2	16,4	15,9	19,9	16,0	15,4
Estrangeira	15,1	10,1	6,4	24,0	13,9	10,8
Angola	4,4	4,4		18,9	17,1	10,8
Cabo Verde	8,0	6,6		7,6	13,0	11,5
Guiné-Bissau	13,8	10,6		17,3	16,3	10,5
Moçambique	5,7	0,8		21,6	5,4	6,6
São Tomé e P.	10,7	10,2		19,2	18,7	14,7
Brasil	18,5	9,4		21,7	11,5	9,9
Venezuela	46,0	17,1		45,6	17,3	5,5
EUA	38,6	27,9		37,5	22,1	7,0
Canadá	48,8	30,0		46,7	26,1	3,9
China	9,3	7,0		12,4	12,2	19,2
Índia	2,2	1,1		8,1	3,8	8,6
Paquistão	9,4	1,2		18,1	2,0	12,6
Alemanha	34,9	12,7		28,3	13,9	7,5
Espanha	16,2	11,9		13,5	11,6	5,3
França	32,6	13,9		36,2	20,5	8,5
Holanda	22,8	13,0		18,8	12,3	8,6
Itália	10,7	14,3		9,9	9,1	5,6
Reino Unido	20,3	17,6		16,0	12,3	6,3
Suíça					52,2	5,3
Bulgária	31,6	6,7			6,3	9,0
Moldávia		1,3			1,4	15,5
Romênia	13,3	3,5			4,1	12,4
Rússia		9,2			6,9	10,9
Ucrânia		1,0			0,9	12,8
+ 1 Nacion.				31,7	23,0	

Fonte: INE, Censo de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Quadro A4 – Percentagem de Idosos (65 e mais anos) em 1991, 2001 e 2009

	Naturalidade			Nacionalidade		
	1991	2001	2009	1991	2001	2009
Total	13,6	16,4	17,9	13,6	16,4	17,9
Portuguesa	14,0	17,0	18,9	13,7	16,7	18,5
Estrangeira	5,3	6,0	5,2	6,1	4,9	3,7
Angola	3,7	6,2		2,6	2,7	2,6
Cabo Verde	5,5	8,1		3,4	4,8	5,5
Guiné-Bissau	1,8	2,7		0,9	1,2	1,5
Moçambique	4,2	7,7		4,1	5,9	6,1
São Tomé e Príncipe	5,9	6,0		2,5	3,2	3,1
Brasil	18,5	8,9		7,6	3,3	0,6
Venezuela	0,2	0,3		0,3	0,5	1,5
EUA	13,2	9,9		11,6	13,2	16,3
Canadá	0,7	0,8		1,5	5,0	10,0
China	13,9	4,7		4,5	1,7	2,6
Índia	18,6	22,4		15,9	5,9	1,4
Paquistão	8,9	3,7		14,9	5,7	1,6
Alemanha	2,7	3,5		6,4	8,1	17,5
Espanha	22,7	23,9		22,8	18,2	16,1
França	1,0	1,7		1,8	3,3	10,4
Holanda	6,7	9,3		8,9	12,0	19,6
Itália	19,3	13,6		17,0	11,6	8,1
Reino Unido	13,1	14,0		15,6	18,1	24,6
Suíça		1,2			6,7	23,5
Bulgária	2,3	0,8			0,6	0,5
Moldávia		0,1			0,1	0,2
Roménia	15,6	0,5			0,2	0,2
Rússia		0,8			0,4	1,6
Ucrânia		0,2			0,2	0,4
+ 1 Nacion.				4,9	6,6	

Fonte: INE, Censo de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Quadro A5 – Índice de envelhecimento (idosos / jovens) em 1991, 2001 e 2009

	Naturalidade			Nacionalidade		
	1991	2001	2009	1991	2001	2009
Total	68,1	102,2	117,6	68,1	102,2	117,6
Portuguesa	69,3	104,0	118,8	69,0	104,9	120,2
Estrangeira	34,9	59,3	80,3	25,3	34,9	33,9
Angola	83,0	139,9		13,9	15,5	24,3
Cabo Verde	69,1	122,6		44,5	36,9	47,8
Guiné-Bissau	13,4	25,8		5,5	7,6	14,0
Moçambique	74,2	974,1		18,9	108,7	91,4
São Tomé e Príncipe	55,6	58,7		13,2	17,2	21,3
Brasil	99,7	93,9		34,8	29,0	6,2
Venezuela	0,3	1,5		0,7	2,8	27,7
EUA	34,2	35,4		31,0	59,6	231,0
Canadá	1,4	2,6		3,2	19,0	255,2
China	148,9	67,9		36,4	14,3	13,7
Índia	842,3	1980,0		195,0	157,6	16,5
Paquistão	95,2	320,0		82,1	282,4	12,6
Alemanha	7,7	27,4		22,7	57,8	234,5
Espanha	140,4	200,1		168,2	156,3	303,7
França	3,0	12,2		4,9	16,1	122,4
Holanda	29,5	71,2		47,6	97,6	229,3
Itália	181,5	95,4		171,8	126,8	144,3
Reino Unido	64,6	79,3		97,8	147,3	389,6
Suíça		1,7			12,8	445,3
Bulgária	7,4	11,9			8,8	5,6
Moldávia		10,5			9,5	1,1
Roménia	116,7	15,3			5,5	1,4
Rússia		8,4			5,6	14,9
Ucrânia		23,7			26,9	3,0
+ 1 Nacion.				15,4	28,7	

Fonte: INE, Censo de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Quadro A6 – Rácio de dependência de idosos (idosos / adultos) em 1991, 2001 e 2009

	Naturalidade			Nacionalidade		
	1991	2001	2009	1991	2001	2009
Total	20,5	24,2	26,7	20,5	24,2	26,7
Portuguesa	21,3	25,6	29,0	20,6	24,9	28,0
Estrangeira	6,6	7,1	5,8	8,7	6,0	4,3
Angola	4,0	6,9		3,4	3,3	3,0
Cabo Verde	6,4	9,5		3,8	5,9	6,6
Guiné-Bissau	2,2	3,1		1,2	1,5	1,7
Moçambique	4,7	8,4		5,5	6,6	7,0
São Tomé e P.	7,1	7,2		3,2	4,1	3,8
Brasil	29,3	10,8		10,7	3,9	0,7
Venezuela	0,3	0,3		0,6	0,6	1,6
EUA	27,4	15,8		22,8	20,4	21,2
Canadá	1,3	1,1		2,9	7,2	11,6
China	18,1	5,3		5,4	2,0	3,4
Índia	23,6	29,2		20,9	6,6	1,6
Paquistão	10,9	3,9		22,2	6,1	1,9
Alemanha	4,3	4,1		9,9	10,3	23,3
Espanha	37,1	37,2		35,7	25,9	20,5
França	1,5	2,0		2,8	4,3	12,9
Holanda	9,5	11,9		12,3	15,9	27,4
Itália	27,6	18,9		23,2	14,6	9,4
Reino Unido	19,7	20,5		22,9	26,0	35,7
Suíça		4,8			16,2	33,1
Bulgária	3,5	0,9			0,6	0,6
Moldávia		0,1			0,1	0,2
Roménia	21,9	0,6			0,2	0,2
Rússia		0,9			0,4	1,8
Ucrânia		0,2			0,2	0,4
+ 1 Nacion.				7,7	9,4	

Fonte: INE, Censo de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009

Quadro A7 - Idade média da população segundo a naturalidade e a nacionalidade em 1991, 2001 e 2009

	Naturalidade			Nacionalidade		
	1991	2001	2009	1991	2001	2009
Total	36,9	39,5	41,4	36,9	39,5	41,4
Portuguesa	37,2	39,9	41,8	37,0	39,8	41,7
Estrangeira	29,6	34,0	37,4	29,2	32,5	34,8
Angola	30,7	37,4		26,0	28,4	33,6
Cabo Verde	37,0	40,0		34,4	34,4	34,3
Guiné-Bissau	29,3	33,2		26,8	29,8	34,0
Moçambique	31,3	40,1		28,5	35,0	37,2
São Tomé e Príncipe	33,1	34,9		28,1	29,6	32,0
Brasil	37,1	34,7		29,8	31,2	32,2
Venezuela	17,1	24,9		17,0	26,0	36,6
Estados Unidos	27,6	27,9		28,1	33,4	42,3
Canadá	16,1	21,5		18,1	27,3	41,5
China	39,1	34,0		32,1	30,5	31,4
Índia	48,8	51,0		40,5	36,3	34,3
Paquistão	38,4	35,8		36,9	36,5	33,6
Alemanha	21,3	29,2		29,4	38,3	45,2
Espanha	45,0	42,6		45,4	40,9	44,3
França	18,5	25,2		19,7	26,8	41,3
Países Baixos	32,4	39,0		37,0	42,8	47,5
Itália	44,4	40,5		43,0	41,0	39,7
Reino Unido	38,4	39,8		42,0	45,2	51,2
Suíça	Sd	14,0		Sd	25,3	50,0
Bulgária	26,2	34,4		F	34,3	34,8
Moldávia		32,9			32,9	31,7
Roménia	42,2	30,7		F	30,3	30,3
Rússia		33,1			33,8	35,7
Ucrânia		34,2			34,2	35,3
+ 1 Naciona.					29,9	

Fonte: INE, Censo de 1991 e 2001 e Estatísticas Demográficas de 2009